

Sobre a relação entre ética e ontologia no pensamento de Martin Heidegger¹

On the relationship between ethics and ontology in the thought of Martin Heidegger

Tatiana Monreal Cano
Mestre em Filosofia - UNICAMP
tatmc2001@yahoo.com.br

Resumo

O objetivo deste trabalho é discutir a relação entre ética e ontologia no pensamento de Martin Heidegger. Para tanto, são analisados trechos, extraídos de *Ser e Tempo* e de *Carta sobre o "Humanismo"*, em que o autor se pronunciou a respeito desta relação. Discute-se, ainda, com Hodge acerca das suas interpretações sobre tal relação. Conclui-se que, a despeito de seu pensamento ter concedido primazia à questão do ser, isto não quer dizer que suas reflexões tenham permanecidas presas à tradicional hierarquia entre a ontologia e a ética.

Palavras-chave: Ética. Ontologia. Heidegger.

Abstract

The aim of this paper is to discuss the relationship between ethics and ontology in the thought of Martin Heidegger. To this purpose, we analyze excerpts, taken from *Being and Time* and *Letter on "Humanism"*, in which the author deals with this relationship. We discuss also with Hodge about her interpretations of this relationship. We conclude that, despite his having given the primacy to the issue of being, this does not mean that his ideas remained stuck to the traditional hierarchy between ontology and ethics.

Key words: Ethics. Ontology. Heidegger.

Para discutir a relação entre a ontologia e a ética no pensamento de Heidegger, tomaremos como referência *SZ*² e *Carta sobre o "Humanismo"*, mais especificamente, passagens em que Heidegger se pronunciou sobre tal relação. Começemos por *SZ*.

¹ Este artigo faz parte das reflexões desenvolvidas em *A ontologia fundamental como Ética Originária e a questão da responsabilidade*, na ocasião da dissertação de mestrado desenvolvida pela autora e defendida no ano de 2005.

² Para nos referirmos a *Ser e Tempo*, usaremos a sigla *SZ* neste artigo.

Seguindo caminhos diversos e em extensões diferentes, a psicologia filosófica, a antropologia, a *ética*, a política, a poesia, a biografia e historiografia já pesquisaram as atitudes, potências, forças, possibilidades e envios do Dasein. Resta, porém, a pergunta: será que essas interpretações se fizeram de maneira tão *originariamente existencial* como talvez tenham sido originariamente existenciárias? (Heidegger, 2000, p. 43, *itálicos nossos*).

Esta passagem, extraída logo do início de SZ e em que Heidegger aborda a questão da ética, entre outras, indica uma postura de recusa frente ao modo como não só a ética, mas também essas outras questões vêm sendo pensados ao longo da tradição. Por outro lado, o texto não sugere uma recusa frente às disciplinas *per se*; esta recusa se deve ao fato de que as análises empreendidas em SZ não possuem o mesmo caráter daquelas mesmas análises efetuadas pela psicologia filosófica, pela antropologia, enfim, pela ética.

A análise realizada em SZ se diferenciaria das análises efetuadas por aquelas disciplinas justamente pelo fato de essas mesmas disciplinas se preocuparem com aspectos existenciários/ônticos da existência e não se determinarem por aspectos existenciais/ontológicos.

Por outro lado, Heidegger, neste mesmo contexto, ou seja no § 5 de SZ, de onde esta passagem foi extraída e cujo título é *A analítica ontológica do Dasein como liberação do horizonte para uma interpretação do sentido do ser em geral*, deixa claro, a começar pelo título, que a Analítica Existencial é apenas “o primeiro desafio no questionamento da questão do ser” (Heidegger, 2000, p. 44), ou seja, não se constitui como meta fundamental; a Analítica Existencial “começa apenas explicitando o ser desse ente, sem interpretar-lhe o sentido. O que lhe compete é liberar o horizonte para a mais originária das interpretações do ser” (*ibid.*, p. 44-45).

Nesse sentido, poderíamos, então, supor que Heidegger, ao afirmar que a questão do ser, a ontologia, é a primeira das questões, deixasse para o segundo plano a questão da ética, ainda que pensada de maneira “originariamente existencial”? E, se assim o for, estaria ele ainda preso à hierarquia tradicional entre a ontologia e a ética, respectivamente pensadas como a filosofia primeira e seu mero derivado? De tal modo que já teríamos uma resposta para a questão que nos norteia neste momento do nosso trabalho, ou seja, sobre a relação entre a ontologia e a ética em Heidegger?

Em SZ, Heidegger não responde claramente o que pensa sobre essa possível subordinação, muito embora faça a seguinte afirmação no § 63:

Para a ontologia do Dasein, “partir” de um eu, destituído de mundo, para torná-lo objeto e estabelecer uma relação ontologicamente infundada com ele, não é “pressupor demais, mas de menos”. [...] Talha-se de forma dogmática e artificial o objeto temático quando, “de início”, este é restrito a um “sujeito teórico” para então, “de acordo com o lado prático”, complementá-lo, acrescentando-lhe uma “ética” (Heidegger, 2000a, p. 109).

Essa afirmação, carregada de ironia, nos leva a concluir e, conseqüentemente, a afirmar que, para Heidegger, a ética não estaria subordinada à investigação metafísica ou ontológica; pelo contrário, nosso autor expressa, inclusive, uma desconfiança frente às posturas que tendem a ver de um lado um sujeito teórico para, depois, do outro lado acrescentar-lhe uma ética, esta equivalendo a seu lado prático.

A ética seria, deste modo, a filosofia primeira e a metafísica ou a ontologia seu derivado? Por certo que não, ainda mais porque Heidegger não escreveu sequer uma linha a respeito de como pensaria a ética; a questão da ética não se colocava no foco da sua atenção. Por outro lado, nas poucas vezes que se pronunciou³, foi para criticar o modo como a ética vinha sendo pensada pelo homem da metafísica⁴.

De acordo com Duarte (2000, p. 73), a ausência da "questão da ética no âmbito da sua vasta reflexão filosófica, o que não deixa de ser significativo, dada a amplitude dos problemas discutidos ao longo do seu vasto caminho de pensamento, põe-nos diante de uma dificuldade". Então, o que motivou Heidegger a não escrever um texto sequer sobre esse tema de tamanha importância? Qual o motivo da sua recusa?

Segundo Hodge (1995, p. 45-47), devido a uma noção restrita da ética; restrita porque, nas interpretações que Hodge fez da *Carta sobre o "Humanismo"*, a ética ainda estaria subordinada à investigação metafísica ou ontológica⁵.

De qualquer forma, para responder a esta questão da recusa heideggeriana frente à ética e, assim, nos aproximar da relação entre a ontologia e a ética no pensamento de Heidegger, temos que nos reportar à *Carta sobre o "Humanismo"*, texto escrito anos depois da publicação de SZ. Esse texto, que no essencial responde a duas questões, permitirá compreender melhor – uma vez que em SZ temos apenas alguns indícios, primeiro, o motivo de sua recusa e, segundo, qual a possível relação entre a ontologia e a ética no seu pensamento. Vejamos quais foram as perguntas dirigidas a Heidegger e como ele as responde.

Quando interrogado por Jean Beufret sobre a possibilidade de tornar a dar um sentido à palavra "humanismo", Heidegger questiona a necessidade mesma desta questão no sentido de conservar a palavra "humanismo", ou seja, se expressões desta natureza não manifestam já uma desgraça. A partir deste questionamento, Heidegger faz ver que as já muitas expressões acrescidas dos "ismos" são merecedoras de desconfiança, muito embora o mercado da opinião pública as exija incessantemente. A "ética", a "lógica", a "física", nesse sentido, mostra Heidegger, são outros nomes surgidos quando o pensar originário chegou ao fim (Heidegger, 1991, p. 3). Os gregos, continua ele, pensavam sem tais títulos, nem mesmo chamavam de filosofia o seu pensar (*ibid.*, p. 3). Entretanto, o pensar, cujos primórdios recuam a Platão e a Aristóteles, deixou de ser um elemento a partir do qual o pensamento é capaz de ser um pensar (*ibid.*, p. 3). Nosso filósofo afirma:

³ Mais adiante, analisaremos trechos, extraídos de *Carta sobre o "Humanismo"*, nos quais aparece a crítica heideggeriana quanto ao modo como a ética vem sendo pensada pelo homem da metafísica.

⁴ Chamamos de metafísica aquele tipo de pensamento organizado em torno do infinitismo. Segundo Loparic, "[o] infinitismo é o princípio organizador da metafísica ocidental. Na ontologia, buscam-se causas e verdades; na ética, máximas e regras, que sejam, ao mesmo tempo, primeiras e vigorem incondicionalmente, que sejam infinitas" (Loparic, 2004, p. 9). Uma característica fundamental do infinitismo está no fato de este princípio se organizar em torno do princípio do fundamento: "O princípio do fundamento se constitui no principal meio pelo qual a metafísica ocidental esquece o ser como diferença ontológica entendida dessa maneira não existencial" (*ibid.*, p. 25). Ademais, cumpre-nos salientar que o projeto heideggeriano é o de criticar o pensamento filosófico que, segundo o autor, iniciou-se com Platão e vigorou em toda a filosofia ocidental em torno da questão do ser. Nesse sentido, o objetivo de Heidegger foi o de recuperar o pensamento esquecido da diferença ontológica, qual seja, o da diferença entre ser e ente.

⁵ Voltaremos a analisar a recepção que a inglesa fez deste texto de Heidegger assim que fizermos nossa própria interpretação do referido texto.

A metafísica permanece a primeira instância da filosofia. Não alcança, porém, a primeira instância do pensamento. No pensamento da verdade do ser a metafísica está superada. Torna-se caduca a pretensão da metafísica de controlar a referência decisiva com o ser e de determinar adequadamente toda a relação com o ente enquanto tal (Heidegger, 1999, p. 78).

Para Heidegger, o pensar chegou a um fim quando saiu de seu elemento e se valorizou enquanto *techné*, ou seja, um instrumento de formação, uma atividade acadêmica e, por fim, atividade cultural (Heidegger, 1991, p. 4). A própria filosofia se transformou em uma técnica de explicação pelas causas últimas; nesse sentido, argumenta Heidegger, não se pensa mais, mas se ocupa de "filosofia", e esta ocupação se preocupa muito mais com o exibicionismo dos "ismos" (*ibid.*, p. 4). E, continua Heidegger, foi justamente na escola de Platão que pela primeira vez a "ética" apareceu junto com a "lógica" e a "física"; essas disciplinas surgiram no momento em que surgiu a filosofia (*ibid.*, p. 36), momento em que o pensar perdeu seu elemento primordial para dar lugar à "filosofia", e a filosofia, por sua vez, transformou-se em ciência e esta em assunto de escola e atividade escolar (*ibid.*, p. 36). No entanto, Heidegger chama a atenção para o fato de que, antes da passagem por esta filosofia em que surgiu a ciência e passou o pensar, os pensadores antes dessa época, mesmo não conhecendo uma "ética", uma "lógica" e uma "física", não eram nem imorais nem ilógicos (*ibid.*, p. 36). Heidegger faz ainda, nesse contexto, menção às tragédias de Sófocles para ressaltar o quanto reside aí um *ethos* muito mais originário do que as preleções de Aristóteles acerca de uma "ética"; Heidegger afirma haver também numa sentença de Heráclito, com apenas três palavras, algo tão simples, mas em que brota e chega à luz, de maneira imediata, a essência do *ethos* (*ibid.*, p. 36).

Quando escreverá o senhor uma "ética"?, perguntou-lhe um jovem amigo, logo após a publicação de SZ. Heidegger responde ressaltando o cuidado que o homem da técnica deve ter quanto à possibilidade de se criar uma ética de caráter obrigatório, e isto porque, continua nosso autor, o homem da técnica, visando uma estabilidade segura, só saberá criar uma ética na medida em que esta for capaz de lhe promover uma ordenação do seu planejar e agir como um todo (*ibid.*, p. 35).

Da resposta a essas duas questões, a de uma ética e a de um humanismo, sobressai – e este é o primeiro ponto que queremos destacar – o fato, enfatizado por Heidegger, de que, muito antes de procurarmos estabelecer uma relação entre ontologia e ética, cabe a nós perguntar o que são a própria "ontologia" e a "ética". Torna-se "imperativo" considerar se o que é nomeado com estas duas expressões ainda continua adequado "para aquilo que foi entregue ao pensar como tarefa, que como pensar deve, antes de tudo, pensar a verdade do ser" (*ibid.*, p. 36). Deste modo, diz Heidegger, "[m]ais importante que qualquer fixação de regras é o homem encontrar caminho para morar na verdade do ser" (*ibid.*, p. 42).

Outro fator de muita importância, que também se revela a partir desses questionamentos, refere-se ao fato de que não só todos os "ismos", dos quais o "humanismo" faz parte, assim como a "ética" estão fundados na metafísica. Nesse sentido, pontua Heidegger, o "humanismo", assim como a "ética", através de seu fundamento metafísico, deixou de questionar a relação do ser com o ser humano. A metafísica, quando da representação do ente em seu ser, pensa que

assim chegou a determinar o ser do ente; contudo, não chegou sequer a pensar a diferença entre ambos (*ibid.*, p. 9). A metafísica, portanto, não coloca a questão da verdade do ser; por isso, jamais põe em questão de que modo a essência do homem pertence à verdade do ser. Para Heidegger, “o ser ainda está à espera de que ele mesmo se torne digno de ser pensado pelo homem” (*ibid.*, p. 9).

Por certo estas reflexões, extraídas da *Carta sobre o "Humanismo"*, tratam ainda da questão do sentido ou da verdade do ser; por certo, também, a interrogação do ser, nesta segunda fase do seu pensamento⁶, abandonou a Analítica do Dasein, como exigência provisória, para responder a questão do sentido do ser, que agora é pensado em termos do acontecimento de sua verdade epocal. No entanto – aqui está o nosso ponto –, sua antiga recusa, aquela já expressa em *SZ*, de elaborar uma ética não se alterou (Duarte 2000, p. 77), antes se intensificou. Essa sua recusa se refere a uma questão que, para Heidegger, é anterior ao próprio desenvolvimento de uma metafísica ou ontologia e de uma ética, e é justamente a de saber se, ainda, termos como ética ou ontologia dizem daquilo a que, de fato, essas duas expressões se referem.

Nesse sentido, Heidegger (1991, p. 38) afirma, em *Carta sobre o "Humanismo"*, que o pensamento de *SZ* se constituiu numa primeira tentativa para se chegar a pensar a “verdade do ser como o elemento primordial do homem enquanto alguém que ex-siste, já é em si a Ética Originária”; e prossegue, “mas este pensar não é apenas então Ética, porque é Ontologia”, pois é tarefa da ontologia pensar o ente em seu ser (*ibid.*, p. 38).

Hodge, diante desta passagem, surpreende-se, pois, quando Heidegger afirma ser o seu pensamento, o pensamento da verdade do ser, o verdadeiro *ethos* humano, uma ontologia e não uma ética, deixa ver, segundo a autora, sua noção restrita de ética, muito embora seja o objetivo do trabalho da inglesa, *Heidegger e a ética*, mostrar a “ilimitada noção de ética para qual vejo [vê] tender as reflexões de Heidegger” (Hodge, 1995, p. 46-47)⁷. Hodge pontua: “O problema é o de pôr que Heidegger presume que a ontologia não é a ética” (*ibid.*, p.45).

Contudo, Heidegger reforça, em *Carta sobre o "Humanismo"*: “enquanto não tiver sido pensada a verdade do ser permanece toda a ontologia sem o seu fundamento” (Heidegger, 1991, p. 38). É justamente por esse motivo que o pensamento de *SZ* procurava antecipar o pensar para dentro da verdade do ser, e exatamente por esse motivo se caracterizou como Ontologia Fundamental (*ibid.*, p. 38). A Ontologia Fundamental, nesse sentido, “tende a penetrar no fundamento essencial do qual provém o pensamento da verdade do ser” (*ibid.*, p. 38). Heidegger conclui: “O pensar que questiona a verdade do ser e nisto determina o lugar essencial do homem, a partir do ser e em direção a ele, *não é nem ética nem ontologia*” (*ibid.*, p. 39, itálicos nossos).

⁶ Fala-se em primeiro e segundo Heidegger para diferenciar dois momentos de seu pensamento. O primeiro corresponde aos escritos datados da década de 20, década em que *Ser e Tempo* foi escrito; o segundo corresponde aos escritos da década de 30 em diante, momento em que a *Carta sobre o "Humanismo"* foi escrita.

⁷ Voltaremos, mais adiante, a essa noção irrestrita de ética para a qual Hodge vê tender o pensamento de Heidegger.

Nesse sentido, percebemos que tampouco nosso filósofo atribuiu um privilégio à ontologia, como Hodge supôs, de tal modo que discordamos daquilo que a autora identifica como a visão heideggeriana restrita de ética, ou seja, restrita porque subordina a ética frente à ontologia.

Mas por que este pensar, “o pensar que questiona o sentido ou a verdade do ser”, a partir do ser e em direção a ele, e “nisto determina o lugar essencial do homem, não é nem uma ética e nem uma ontologia”? A resposta a esta questão foi dada nessa mesma carta; vejamos:

Entretanto, aprendi a ver que justamente estas expressões [ontologia e ética] tinham que levar direta e inevitavelmente para a errância. Pois, as expressões e a linguagem conceitual nelas integrada não foram repensadas, pelos leitores, a partir da coisa propriamente dita que tinha que ser pensada [a questão do sentido ou da verdade do ser]; ao contrário, a coisa propriamente dita foi representada a partir das expressões que foram mantidas com suas significações correntes (*ibid.*, p. 39).

Em outras palavras, Heidegger questiona os sentidos tradicionais atribuídos tanto à ontologia quanto à ética, sentidos estes calcados na linguagem conceitual da metafísica e, portanto, esquecidos da questão do sentido ou da verdade do ser. Duarte sumariza: se Heidegger se recusou “a escrever a doutrina ética exigida pelos homens do presente é porque se recusou a escrever com as tintas da metafísica, evitando se comprometer com as próprias causas do nosso dilema” (Duarte, 2000, p. 77).

Nesse sentido, a recusa heideggeriana é muito mais “radical”, ou seja, sua recusa não se refere tão somente a uma ética, mas também à própria ontologia, desde que pensadas em suas significações correntes. Deste modo, o seu pensamento foi mais a fundo no que diz respeito ao fato de não interpretar sua ontologia como uma ética, como Hodge questionou: “O problema é o de por que Heidegger presume que a ontologia não é a ética” (Hodge, 1995, p. 45). A bem da verdade, Heidegger questiona tanto a ontologia quanto a ética tal como pensadas pelo homem da metafísica.

Essas colocações, portanto, levam-nos a afirmar que se Heidegger, ainda que se recusando a fazer “ontologia”, fez Ontologia, por certo que, ao se recusar a fazer “ética”, não impossibilitou que a fizéssemos. Falando de outro modo, tanto a Ontologia quanto a Ética, em maiúsculo e sem aspas, quer dizer, desde que não pensadas pelas “categorias da metafísica”, mas sim “pensadas originariamente”, permanecem como questões a serem pensadas⁸.

Por outro lado, mas ainda como parte desses questionamentos, podemos concluir que Heidegger foi mais além ou aquém de toda a nossa tradição no que se refere à tradicional hierarquia entre a ontologia como filosofia primeira e a ética como seu derivado; ou seja, não se trata de se a ontologia antecede a ética ou o contrário. Nesse sentido, se é certo que Heidegger enfatizou o ontológico, isto não significa que ele tenha permanecido cativo de tal hierarquia, pois questionou, como pudemos ver nas alíneas anteriores, não só esta hierarquia, como também se os próprios termos ontologia e ética continuam, ainda, adequados (Duarte, 2000, p. 81), adequados porque a ontologia tem sido pensada como metafísica⁹ e a ética tem sido pensada

⁸ Não podemos nos furtar ao fato de que já encontramos um verbete Heidegger em um recente Dicionário de *Ética e filosofia moral* (Canto-Sperber, 2003, p. 728-734).

⁹ Vide nota 5.

como disciplina capaz de fornecer parâmetros para o planejar e o agir de acordo com a época da técnica. Deste modo, se quisermos, ainda, manter tais termos, poderemos mantê-los, desde que em seu sentido não metafísico. Isso nos leva a concluir que tanto a Ontologia quanto a Ética são possíveis, ou seja, ambas permanecem como questões privilegiadas, e mais, imunes a qualquer possibilidade de hierarquização.

Se toda "filosofia", toda "metafísica", sempre buscaram determinar o ente primeiro, o ente excelente e verdadeiramente ente, o pensamento do ser do ente não é esta metafísica ou esta filosofia primeira. Ele não é sequer ontologia, se ontologia é um outro nome para esta filosofia primeira (Derrida, *in* Duarte, 2000, p. 81).

Quanto a Hodge, parece que ela não atentou para o modo como Heidegger, em *Carta Sobre o "Humanismo"*, encerrou tal discussão; quer dizer, nem ontologia nem ética estão no centro de suas preocupações, mas o pensamento da verdade do ser. Por outro lado, e bem mais adiante no seu trabalho, Hodge, frente a algumas afirmações de Heidegger extraídas de *Carta sobre o "Humanismo"*, conclui:

Esta é a principal modificação da investigação do *Ser e Tempo*, [qual seja] a sugestão de que a ontologia é tão impossível como a ética. A minha sugestão é a de que, se a ontologia for entendida também como ética na sua intenção [ou seja, desprovidas de seu caráter metafísico], então não há necessidade de rejeitar qualquer um dos termos (Hodge, 1995, p. 156).

Por certo Hodge, nesta passagem do seu trabalho, está de acordo com Heidegger, e nós de acordo com ambos; no entanto, esta sua "sugestão", a de não rejeitar nenhum dos termos, desde que pensados na sua intenção, quer dizer, desprovidos da roupagem metafísica, já havia sido anunciada pelo próprio Heidegger, nesse mesmo texto.

Ainda sobre esse aspecto da relação entre ontologia e ética, Hodge insiste na existência de uma dimensão ética no pensamento de Heidegger, anterior a qualquer divisão entre a ética e a metafísica, e é justamente demonstrar esta dimensão um dos objetivos do seu estudo (*ibid.*, p. 11).

Nesse sentido, será que Hodge estaria propondo a ética como filosofia primeira no pensamento de Heidegger? E, se assim for, por que privilegiar Heidegger e não outros autores, tal como Emmanuel Levinás, que pensam a ética como a filosofia primeira em seu estudo? Qual o ponto de chegada de Hodge? Para responder a estas questões, provocaríamos, por certo, um desvio muito grande em nosso texto, mesmo porque a intenção não é a de realizar uma crítica a seu trabalho, e tampouco avaliar a dimensão das suas colocações. Por outro lado, Hodge enfatiza a presença de uma Ética Originária no pensamento de SZ, e este é o nosso ponto em comum; ou seja, a inglesa interpreta, assim como nós, a Ontologia Fundamental como uma Ética Originária. Nesse sentido, gostaríamos, simplesmente, de destacar alguns pontos das suas análises, a fim de que possamos chegar ao nosso denominador comum.

Para Hodge, mais importante do que recuperar a questão do sentido do ser é recuperar a questão do humano, do humano relacionado com a diferença e com o outro, ou seja, com a alteridade e com o ser em geral; tal é a noção irrestrita e ilimitada da ética para qual vê tender as reflexões de Heidegger (*ibid.*, p. 49).

À questão “o que é ser-humano?” são dadas respostas gerais com uma perspectiva universal. A generalização das respostas dadas e a universalização da perspectiva da questão esvaziam o conteúdo da ética e apagam a diferença entre a ética e a metafísica. [...] Este apagamento da diferença entre a ética e a metafísica é uma jogada final num esquecimento cumulativo do ser. A metafísica e a ética tornam-se indistintas no seu apagamento simultâneo da questão “o que é ser-humano?”, e na sua conversão do ser humano no campo vazio da elaboração da transformação técnica do mundo. Leio os textos de Heidegger como reveladores deste processo operante, embora não o nomeie enquanto tal, uma vez que ele trabalha com uma concepção restrita da ética como atinente apenas à relação do ser humano com o ser-se humano, em vez de uma noção ilimitada, necessária para identificar estes desenvolvimentos pelo que são (*ibid.*, p. 49).

Para Hodge, o esquecimento da questão do ser vem acompanhado do esquecimento da questão sobre o que seja ser-humano, e este processo é, segundo a autora, uma decorrência da época da técnica. A metafísica, enquanto tecnologia, tem implicado o apagamento do humano; exemplo disso é a antropologia, enquanto teoria do que seja humano (*ibid.*, p. 40; 116; 125; 151; 161; 163-165; 169; 171; 263). Esquecer o que é ser-humano, segundo Hodge, é esquecer a humanidade, enquanto lugar onde o ser se revela (*ibid.*, p. 254). Hodge põe em foco que não só a realização da metafísica na era da técnica, mas também o próprio fim da filosofia anunciado por Heidegger tornam possível a renovação da ética, “uma renovação da interrogação do que seja ser-humano e do que o futuro trará aos seres humanos” (*ibid.*, p. 65). O que, para Heidegger, é o fim da filosofia, para Hodge, é a necessidade de um desafio ético. Se para Heidegger, no dizer de Hodge, a recuperação da filosofia estaria no retorno a uma origem da filosofia (*ibid.*, p. 237; 242; 245), isso indica que Heidegger não identificou uma possível liberação da ética da sua subordinação à metafísica (*ibid.*, p. 82-83).

Sobre esse ponto discordamos de Hodge, pois não foi essa a conclusão a que chegamos pelo pensamento de Heidegger; ou seja, nosso autor, como pudemos ver, rompeu com esta subordinação.

Por outro lado, aquilo que a inglesa identifica como sendo sua preocupação ética é revelador. A ontologia fundamental, através da analítica do Da-sein, informa o lugar no qual o ser se revela. O lugar onde o ser se revela é no Da-sein, e o lugar onde o Da-sein se revela é no ser humano individual e coletivo, o que leva a autora a concluir:

A ontologia fundamental é portanto ontológica, preocupada com as condições gerais de possibilidade da existência, e é ôntica, preocupada com a efetiva existência dos seres humanos. Sugiro que a relação entre o ontológico e o ôntico marca a relação no pensamento de Heidegger entre a ética e a metafísica (*ibid.*, p. 48).

Hodge, por certo, prioriza também a questão do ser; no entanto, suas preocupações se voltam não para o ser, mas para o Dasein no humano, enquanto lugar onde o ser se revela, daí suas análises vincularem a questão da ética com a questão do que seja ser-humano e, conseqüentemente, a uma preocupação com o que é necessário para que os humanos continuem a florescer, uma vez que a possibilidade de florescimento se acha cada vez mais ameaçada na

época da técnica¹⁰. Hodge conclui: é urgente que, portanto, nos libertemos dessas formulações restritivas [as da antropologia, por exemplo], a fim de que seja possível o suposto florescer do humano (*ibid.*, p. 140). A concepção metafísica, no que diz respeito ao ser humano, pressupõe uma compreensão dos seres humanos “como uma estrutura estável e inalterável” (*ibid.*, p. 144); o que se presume é que haja uma única resposta a esta questão, e é deste modo que a metafísica entende o homem do mesmo modo que entende o animal (*ibid.*, p. 146). Deste modo, conclui Hodge, a Ontologia Fundamental, por não compreender o homem metafisicamente, possibilitaria o suposto florescer do humano, condição para que seja possível um pensamento genuinamente Ético.

Concluimos, portanto, que nem “ética” e nem “ontologia” estão no topo das preocupações de M. Heidegger, mas, sim, a questão do sentido do ser. No entanto, isto não quer dizer que, a despeito do autor jamais ter concedido primazia à questão da ética em relação à questão do ser, o seu pensamento não contenha importantes reflexões que se desdobram, através da própria Ontologia, em uma dimensão Ética. A bem da verdade, a própria Ontologia Fundamental tem sido interpretada enquanto Ética Originária¹¹.

Referências

Duarte, A. 2000: Por uma ética da precariedade: sobre o traço ético de Ser e Tempo. *Natureza Humana – Revista Internacional de Filosofia e Práticas Psicoterápicas*, São Paulo, EDUC, 4(1):71-101.

Heidegger, M. 1991. *Carta sobre o “Humanismo”*. Tradução de Rubens Eduardo Frias. São Paulo, Editora Moraes, 50 p.

¹⁰ No texto *O retorno ao fundamento da Metafísica*, Heidegger afirma: “O pensamento tentado em SZ está ‘a caminho’ para situar o pensamento num caminho em cuja marcha possa alcançar o interior da relação da verdade do ser com a essência do homem; está em marcha para abrir ao pensamento uma senda na qual medite consentaneamente o ser mesmo em sua verdade. Neste caminho, e isto quer dizer, a serviço da questão da verdade do ser, torna-se necessária uma reflexão sobre a essência do homem; pois a experiência do esquecimento do ser, ainda não expressa porque exigindo demonstração, encerra em si a conjectura da qual tudo depende, de que, conforme o desvelamento do ser, a relação do ser com o homem pertence ao próprio ser” (1999, p. 81). Se tudo depende do próprio ser em seu desvelamento e se a relação do ser pertence ao próprio ser, como pode o homem, diante do esquecimento do ser, que é do próprio ser em seu movimento de ocultação e desocultação, apropriar-se do ser? A resposta a esta questão, para Hodge, estaria num retorno a SZ, pois nesta obra, que data da primeira fase do nosso autor, ainda haveria a possibilidade de uma “relação” do ser com o Da-sein no humano.

¹¹ Sobre a dimensão da Ontologia enquanto Ética Originária, sobretudo devido aos limites desta exposição, deixamos em aberto essa discussão para outro momento. Contudo, além dos já citados, sugerimos: Arenhart, L. O. 1998. Existência e culpabilidade: um estudo do parágrafo 58 de *Ser e Tempo* de Martin Heidegger. *Veritas*, Porto Alegre, 43(1)5-23; Duarte, A. 2002. Heidegger e o outro: a questão da alteridade em *Ser e Tempo*. *Natureza Humana – Revista Internacional de Filosofia e Práticas Psicoterápicas*, São Paulo, EDUC, 4(1):157-185; Loparic, Z. 1999. Origem e sentido da responsabilidade em Heidegger. *Veritas*, Porto Alegre, EDIPUCRS, 44(1):201-220. Loparic, Z. 1999. Alguns escritos recentes sobre a ética em Heidegger. *Natureza Humana – Revista Internacional de Filosofia e Práticas Psicoterápicas*, São Paulo, EDUC, 1(2):447-455. Loparic, Z. 2003. *Sobre a responsabilidade*. Porto Alegre, EDIPUCRS. Loparic, Z. 2004. *Ética e finitude*. 2ª edição revista e ampliada. São Paulo, Editora Escuta. Pelizzoli, M. L. 2002. *O eu e a diferença – Husserl e Heidegger*. Porto Alegre, EDIPUCRS, 2004. Reis, R. R. dos. 1999. “Ouvir a voz do amigo...”. *Veritas*, Porto Alegre, 43(1):43-54. Reis, R. R. dos. 2000. Modalidade existencial e indicação formal: elementos para um conceito existencial de moral. *Natureza Humana – Revista Internacional de Filosofia e Práticas Psicoterápicas*, São Paulo, EDUC, 2(2) 273-300.

- Heidegger, M.. 1999. O retorno ao fundamento da Metafísica. Tradução de Ernildo Stein. *In: Col. Os Pensadores: Heidegger*. São Paulo, Editora Nova Cultural, p. 77-89.
- Heidegger, M. 2000. *Ser e Tempo*. Parte I. Tradução de Márcia de Sá Cavalcante. 9ª ed. Petrópolis, Editora Vozes, 325 p.
- Heidegger, M. 2000a. *Ser e Tempo*. Parte II. Tradução de Márcia de Sá Cavalcante. 7ª ed. Petrópolis, Editora Vozes, 262 p.
- Hodge, J. 1995: *Heidegger e a ética*. Tradução de Gonçalo Feio. Lisboa, Instituto Piaget, 323 p.
- Loparic, Z 2004: *Ética e finitude*. 2ª edição revista e ampliada. São Paulo, Editora Escuta, 114 p.